RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE PESQUISA JORNALISMO HUMANIZADOR EM CRÔNICAS DO COTIDIANO

Danielly Engelmann de Oliveira [1]

Miro Luiz Dos Santos Bacin [2]

Resumo:

O presente relato de experiência tem como objetivo expor a vivência da teoria e da prática referente à participação no Projeto de Pesquisa do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja, intitulado Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano, tendo os docentes do curso de Jornalismo Miro Bacin e Adriana Duval como responsáveis, e contando atualmente, com a participação voluntária de seis discentes bolsistas. O projeto criado em 2010 consiste na investigação empírica de produções teóricas-práticas quanto ao Jornalismo Humanizador, considerando os aspectos textuais e imagéticos. As produções são materializadas em crônicas semanalmente publicadas aos sábados na Coluna Crônicas da Cidade, localizada na contracapa do Jornal Folha de São Borja, e posteriormente na rede social Facebook na Página Crônicas da Cidade (no presente momento com 937 seguidores), buscando com isso, contribuir com a sociedade na formação de memória sobre o cotidiano e os personagens do município, bem como proporcionar visibilidade e interação social.

Palavras-chave: Crônica; Humanizador; Jornalismo;

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE PESQUISA JORNALISMO HUMANIZADOR EM CRÔNICAS DO COTIDIANO

[1] Aluno de graduação. daniellyengelmann@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. mirobacin@unipampa.edu.br. Orientador

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE PESQUISA JORNALISMO HUMANIZADOR EM CRÔNICAS DO COTIDIANO

1. INTRODUÇÃO

O projeto Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano surgiu a partir do desejo de valorizar personagens e produzir memória sobre o cotidiano da cidade de São Borja. Em um contexto em que há diferentes tipos de práticas jornalísticas, em formatos que vão do impresso ao digital e tendo muitas vezes, a superficialidade como ferramenta de prática, o grupo de pesquisa desenvolve seu trabalho fomentado em eixos que buscam a visibilidade e interação do personagem. Com um padrão de prática diferente do comum, em que produções empíricas são construídas com aprofundamento, troca de experiências, e preocupação com o contexto escolhido para abordagem, o projeto busca a articulação de três elementos: comunidade local, produção de memória e jornalismo.

O grupo de pesquisa Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano oferece oportunidades para que os acadêmicos enfrentem desdobramentos em diferentes situações de atuação. A necessidade por um olhar e postura menos formal, uma interação mais pessoal e um discurso menos engessado faz com que cada entrevista ou produção seja diferente e propicie uma nova experiência. Desenvolvendo um trabalho que integra teoria e prática, as produções jornalísticas subsidiam-se a partir de um novo olhar sobre o fazer jornalístico, com um descondicionamento, que permite um reposicionamento diante dos critérios convencionais do que deve ou não ser noticiado. Pautas que respeitem a estrutura de lead, a objetividade da narrativa, a falta de adjetivos e os critérios de noticiabilidade conforme interesses privados são deixadas de lado, e remodeladas como produções emotivas, que identificam o público, com narrativas construídas a partir de uma vivência pessoal, tanto do profissional quanto do personagem, e que, acima de tudo, buscam a valorização do individuo por seu caráter, índole e atuação e não somente por suas atribuições.

Ao estabelecer um perfil de trabalho com técnicas e preocupações diferentes, preocupa-se com a qualidade e popularização da prática. Luís Roberto de Souza Júnior (2012, p.7) defende que a crônica faz parte do Jornalismo Literário e que deve possuir estrutura para que seja categorizada como de qualidade, "que seja anedota desdobrada ou exposição poética, mas que se alimente de fatos de atualidade, mesmo que corriqueiros, presentes no noticiário dos jornais". Produzir narrativas com princípios de Jornalismo Humanizador proporciona reflexões tanto aos pesquisadores quanto ao público, uma vez que partem de um cotidiano comum a todos e muitas vezes valorizam indivíduos desassistidos, dando visibilidade a realidades diferentes e integrando ainda mais a narrativa e o contexto com o leitor. Sendo assim, tal trabalho é de extrema importância, primeiramente porque grande parte do público está cansado de vivenciar apenas notícias trágicas ou que estão ligadas a um interesse único político, social ou econômico. A narrativa sensível e diferenciada do que comumente se vê além de enaltecer o lado humano e produzir memória, prioriza a igualdade e interação social.

O autor Jorge Kanehide (2012) destaca que

> O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa

> forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo acaptar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador.
> (KANEHIDE, Jorge; 2012, p. 17)

Com os objetivos de experimentar procedimentos relacionados ao que se entende por Jornalismo Humanizador; Testar resultados preliminares, na busca do entendimento de possibilidades técnicas (quanto à reportagem-crônica), problematiza-los, e tornar a empreender posturas e procedimentos que busquem aprimorar o processo, da pauta à edição; Desenvolver canais de interação com a comunidade, para promover um espaço democrático de construção da memória da cidade, a partir de seus personagens; Incentivar o descondicionamento do olhar e a busca pelo "novo" em toda a parte; Intermediar relações sociais, no âmbito do câmbio cultural; e Valorizar o trabalho empírico-experimental, o Grupo de Pesquisa Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano estabelece importante missão para com a comunidade. Tornando-se ao longo de sua existência forte ferramenta de valorização social, espaço de experiência profissional e objeto de ensino-aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Fundamentado com princípios do Jornalismo Literário, definido por Humberto Werneck (2004) como "aquele que, sem se afastar do trilho da informação, busca torná-la também saborosa, enriquecendo-a com recursos da narrativa de ficção", o grupo de Pesquisa Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano preocupa-se com a construção da narrativa como um todo, buscando dar visibilidade aos pequenos detalhes que por si, destacam cada personagem.

Humberto Werneck (2004, p. 524) afirma ainda, que ter cuidado com a construção da narrativa é fundamental, "não basta a informação ser bem apurada: é preciso que ela – e, portanto, o leitor – seja bem tratada". Técnicas de entrevista e reportagem, recursos lingüísticos, análises de discursos, observações e a participação aprofundada, integradas a ferramentas de técnicas de História de Vida e História Oral, defendidas por Marconi Lakatos (2018, p. 123) como "dados relativos à experiência íntima de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo" e "técnica de pesquisa que emprega a entrevista e as observações participantes e não participantes, para registrar fatos e/ou acontecimentos importantes do passado, visando compreender a sociedade", compõem a metodologia utilizada para o empreendimento da pesquisa. Preocupando-se com a utilização do conceito de Jornalismo Humanizador, com a perspectiva e empirismo da atividade jornalística, respeitando desde a escolha da pauta, a produção, construção da narrativa, edição dos textos, incluindo o retorno das fontes e manifestações posteriores de leitores.

A visibilidade para os conteúdos produzidos é realizada via publicação semanal na Coluna Crônicas da Cidade do Jornal Folha de São Borja, em que o espaço cedido às crônicas torna-se via de comunicação com a comunidade. O trabalho feito de forma coletiva entre os pesquisadores, jornalistas e leitores – que muitas vezes fazem indicações de personagens -, busca proporcionar interação e visibilidade social. Com canal de contato direto via email, telefone e rede social – através da página no *Facebook* "Crônicas da Cidade" – constitui uma iniciativa experimental, voltada para a prospecção do exercício humanizador.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

O projeto de pesquisa aqui exposto tem como expectativa a mobilização contínua com a comunidade na produção de memória do cotidiano e na integração social da cidade de São Borja. Existente há oito anos, com mais de 300 crônicas publicadas, inúmeras palestras e rodas de conversas realizadas junto às escolas e a comunidade, o projeto colhe resultados positivos.

A oportunidade de experiência aos acadêmicos do curso de Jornalismo viabiliza a integração da teoria com a prática, dando noções referentes à atividade profissional e qualificando o aluno para o mercado de trabalho. Além disso, com suas pesquisas e produções o grupo enaltece o papel social do Jornalismo, servindo como ferramenta de comunicação e expressão para diversas e diferentes personalidades. O projeto Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano reflete sobre a importância de se ter um olhar cuidadoso com a comunidade, percebendo nela, uma das principais riquezas culturais que se tem. Proporciona também, discussões sobre aspectos sociais, econômicos e políticos do município.

Figura 1: Crônica Florentina, a benzedeira – abordou a história de uma senhora que aos 78 anos fez de sua casa, um altar para as graças atendidas pela sua espiritualidade.



8 Folha Contracapa Sábado, 14 de abril de 2018

Crônicas da Cidade

Adriana Duval

adriana.duval@gmail.com/ 99663.2372

Fotos: Miro Bacin

Florentina: mediando pedidos e graças, exerce um papel que assumiu como seu por devoção e pró-disposição, reverenciando entidades e alimentando, nas pessoas, a esperança de plenitude e realização

Florentina, a benzedeira

Dona de uma fé peculiar, há pelo menos duas décadas ela lida com a espiritualidade no exercício diário de preces, benzeduras e consultas. Evoca a intercessão das entidades em nome da felicidade alheia. E transforma sua singela morada em uma espécie de altar para flores e fitas coloridas que lá chegam em gratidão a graças alcançadas

Aos 78 anos, Florentina dos Santos Marques – moradora a uma quadra e meia do cemitério Jardim da Paz, na rua Anselmo Campos da Rosa – vive de modo simples, com mais vaidade quanto à aparência do que cuidados com a casa. Nas raras vezes em que sai às ruas, não esquece de dar cor aos lábios e sobrancelhas, se possível também ocultando os cabelos grisalhos com tons proeminentes. Unhas pintadas preferem as delicadas mãos um capricho assegurado por uma coleção de esmaltes que só perde, em quantidade, para a de bijuterias.

Colecionar, aliás, é algo que virou corriqueiro para Florentina – também chamada de "Dona Florzinha" – há pelo menos 20 anos, desde que perdeu o marido, Marçal Marques, um carpinteiro com quem se casou quando tinha 18 anos – "e ele 50", menciona. Colecionar memórias de um passado que ela define como "de fartura". Colecionar roupas e calçados, assim como presentes ainda não estreados, ajeitados pelos cantos em meio à poeira de uma solidão pouco dimensionada com o entra-e-sai de quem a ela recorre. "Não dá tempo de arrumar as coisas", justifica, notadamente desapegada às convenções. Também coleciona testemunhos de graças que teriam sido alcançadas por intermédio de sua peculiar fé. Todos sacramentados em metros e metros de fitas de cetim e em dezenas de flores de pano e plástico oferecidos ao que seria o mentor das dádivas: "o Senhor Monge" – apresenta, fazendo referência a uma imagem e várias histórias. No quadro oval disposto na pequena peça em que executa os rituais de benzedura e agradecimento, um homem é por ela reverenciado com o status de mito: "Foi minha sogra, Guilhermina, que me deu quando casei, para garantir proteção", relata. "Ela contava que tinha visto os milagres do Senhor Monge, quando ele andava pelo barro Pinahy", acrescenta. "Numa dessas vezes ele estava debaixo da chuva, e não se molhava", menciona.

Várias outras passagens – envolvendo fatos e curas – são por ela elencadas, com um entusiasmo próprio de quem tem convicção da solidez e da amplitude de sua crença. "Muita gente já passou por aqui e foi atendida por ele. Gente de toda a parte: Santa Maria, São Paulo, Rio de Janeiro e lugares que nem sei. Para mim, é como se fosse Deus", confidencia. "Nada é impossível para o Senhor Monge. Em vida, tentaram matar, enterrar, mas não conseguiram", afirma, reforçando a confiança em poderes de invencibilidade e perenidade associados a essa pessoa. "Todos os pedidos e orações são dele. Eu sou apenas a zeladora disso aqui", comenta, explicando que não se desfaz de nada do que é levado em agradecimento.

"Ele é muito poderoso", declara. Já fez muitos milagres, nem sei quantos. Um deles foi curar uma mulher que estava com a cara como se fosse um sapo. Fizeram feitiço para ela. E ela veio aqui, se benzeu e ficou curada", narra. "Outro caso foi uma mulher que não conseguia vender a casa. Chegou aqui e foi atendida", aponta. "Muitos vêm por motivo de dinheiro ou para conseguir emprego", salienta. Além de benzer, Florentina consulta as cartas. "Comprei um baralho e aprendi sozinha. Ouvi uma voz que foi me dizendo como fazer", revela.

No universo de imagens que ela adora também habitam Santa Rita, São Jorge, Nossa Senhora, Santa Paulina, Santo Expedito e santos outros. Formas esculturais produzidas pelo sebo de velas em preces dividem lugar com objetos do cotidiano e oferendas, incensos e essências. "E ganho presentes", frisa, faceira. "Não tive filhos, mas tem um rapaz que considero como se fosse. Ela aqui do quartel, virou sargento, foi embora. Mas sempre que volta vem me ver e traz alguma coisa", destaca. "E sem falar nas pessoas que me visitam", complementa. "Todo mundo conversa comigo, me adula daqui e dali. Todo mundo me quer bem", considera. A alegria por servir ao próximo parece compensar as decepções que sofreu na vida. "Fui enjeitada pela minha mãe. Ela engravidou e foi expulsa de casa. Quando nasci, me entregou para outra família", desabafa. Florentina, natural de Santo Antônio das Missões, ganhou o amor de um casal de mais idade, Rivadávia e Adelaide. "Só quando eu já era crescida é que me contaram toda a verdade", lembra. "Para mim, eles é que foram a minha família".

Na juventude, já morando aqui na cidade, Florentina chegou a trabalhar como doméstica. Odiava de ter seu próprio ganho. Com o casamento, teve de aceitar a condição de dona de casa. "Meu marido não admitia que eu trabalhasse. Eu tinha tudo. Ele me dava dinheiro para fazer compras", recorda. "E eu era chique: ia na Nemetz! Comprava de dois, quando gostava de alguma coisa".

A viuvez, talvez a idade, o encontro de um dom, a procura de um sentido para a vida. Quiçá isso tudo, em distintas proporções, tenha levado a uma dedicação desmedida aos problemas que batem à porta conduzidos por amigos e por estranhos. "Tem vezes que forma fila lá fora. Atendo todos os dias, menos à noite", avisa. Quando não está benzendo, costuma deitar-se, ouve rádio, prepara algo para comer. Sai quando estritamente necessário. "Gosto de ficar aqui", enfatiza. Naquele mundo particular, que se tornou instância paralela e alternativa às agruras do exterior, ela nada teme, nem nada pede. Apenas agradece. "Todos os dias de manhã faço preces para Jesus e Nossa Senhora e agradeço por estar viva", conta.

Crônicas da Cidade é uma atividade da pesquisa acadêmica "Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano" da Unipampa, em parceria com a Folha de São Borja. Equipe: professores Miro Bacin e Adriana Duval. **Participou da produção a aluna de Jornalismo da Unipampa Danielly Engelmann**

Figura 2: Crônica Chico Rapette – Desde os 12 anos – atualmente com 85 – presta serviços a comunidade em um dos momentos mais delicados, o funeral.



8 Folha Contracapa Sexta-feira, 20 de abril de 2018

Crônicas da Cidade

Adriana Duval

adriana.duval@gmail.com/99653.2372

Fotos: Miro Bacin

Simplicidade: Chico vive com o que lhe faz bem – as amizades leais, a prosa dos vizinhos e a recordação dos momentos felizes, como o da fotografia, colorida a mão, de quando tinha 19 anos

Chico Rapette

Oito décadas e meia de vida lhe conferem um rico acervo de memórias. Francisco Rapette trabalha desde os 12 anos. Construiu sua trajetória prestando serviços na funerária da família Bastian. Experiência profissional que, aliada ao vínculo pessoal com os patrões, o tornou praticamente membro da família. Mesmo aposentado, mantém o contato, a amizade, o zelo.

Do banco de madeira em frente à morada, ajeitado sobre pedaços de carpete feitos calçada, na rua Barão do Rio Branco, bairro Florêncio Aquino Guimarães, Francisco Rapette, 84 anos, passa horas sentado, deixando o movimento refletir em seus olhos de azul-profundo. No coração lhe habita um vasto rio de lembranças, guardado com discrição. Aos poucos vai deixando desaguar uma a uma, com a calmaria dos bons de prosa.

A seus pés, Bandido, o cão em eterna vigília, desta vez não ladra nem morde. Permite que nos aproximemos e adentremos na modesta casa, escondida do olhar curioso por uma cerca de tábuas tal qual colcha de retalhos. "Vou ganhando as ripas e colocando aqui", explica Chico, sempre atento ao que pode aproveitar para resguardar a fachada.

Pelas paredes da residência, em quadrinhos e murais, fotografias desbotadas pelo tempo revelam saudades em preto-e-branco. "Aqui era meu irmão, que foi jogador de futebol. Minha mãe. Um amigo. E aqui sou eu, dançando num baile", cita. "Adorava dançar", salienta. "Não tem foto, mas meu pai e Getúlio Vargas eram amigos. Ele fez muito serviço para o presidente", comenta.

O pai era carpinteiro, José Rapette, descendente de italianos. A mãe de Chico, uma paraguaia chamada Zelinda Rolon Rapette, com ele constituiu uma família de 12 filhos. Oito já faleceram.

Polido, o distinto senhor que não dispensa o carpim escuro nem mesmo ao vestir os chinelos, abre uma pequena fenda no tempo, de onde deixa escapar um pouco de si. "Trabalhei a vida inteira com a morte. Comecei com o finado Arnoldo, pai da Vera Bastian", conta. "Tinha 12, 13 anos, e saí de casa, no Paraboi, à procura de serviço. Ele me viu e me abordou. Passei a morar defronte à funerária", recorda. "Eu não tinha nada, só uma roupinha. Ele ajeitou tudo pra mim", acrescenta. "O cunhado do Seu Arnoldo me ensinou a fazer caixão. Os primeiros da funerária eu que fiz", relata.

Boa parte da vida, Chico passou cuidando dos mortos. "Também lavava, arrumava, fazia de tudo", detalha. Dentre os mais ilustres, o presidente Vargas. "Lembro do enterro dele, era gente para tudo quanto era lado por aqui", aponta, distante poucas quadras do cemitério Jardim da Paz. Impressionado com os passamentos? Que nada! Chico garante que não tem – e nem nunca teve – medo. "Nunca nem sonhei com morto".

Com o passar dos anos e o negócio estabelecido pela Vera Bastian, ele se manteve parte da família e da equipe. "Tenho um carinho especial por eles. Puderal! Também ajudei a cuidar das crianças!", revela. "Depois que me aposentei, continuo indo lá. Todos os dias, na faixa das sete horas, chego, limpo o pátio, trato dos bichos", menciona. "Tem vezes que digo 'Vera, vou parar!'. E aí ela responde: 'Mas credo! Tu vem nem que eu te busque e te leve! Nem que seja para ficar aqui sentado'", narra. "Ela está sempre de olho, vive passando por aqui, me cuidando". Mesmo morando só e não tendo descendentes, Chico não sabe o que é solidão. É conhecido por todos no bairro e em boa parte da cidade. "Não tem vizinho que não goste de mim", atesta.

Houve um tempo, na década de 80, em que ele fez uma pausa na lida com os mortos. "Descansei uns seis meses e depois voltei para ajudar na funerária", relata. "Fui cozinheiro no restaurante Itália", rememora. O dom para as panelas até hoje é lembrado por amigos, que vez que outra lhe mandam a foto de provar o sabor inigualável de seu arroz com galinha, da maionese caseira e de outras tantas receitas que ele prepara de olhos fechados. "Vamos combinar para vocês experimentarem", assegura, com a disponibilidade de quem aprendeu que é preciso temperar a vida e prová-la como se cada dia fosse o último. "Se tenho medo de morrer? Tenho medo é de ficar doente e depender dos outros. Mas da morte, não. Um dia todos teremos que ir, mesmo!", finaliza, bem humorado.

Crônicas da Cidade é uma atividade da pesquisa acadêmica "Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano" da Unipampa, em parceria com a Folha de São Borja. Equipe: professores Miro Bacin e Adriana Duval. **Participou da produção a aluna de Jornalismo da Unipampa Danielly Engelmann. Colaborou a leitora Jalva Martins de Oliveira**

Figura 3: Crônica O tempero de Maria – abordou a história da Senhora Maria do Carmo Ibarra Pereira que há 20 anos dedica seu tempo e carinho ao serviço de viandas para a comunidade.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência tem como finalidade expor o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa Jornalismo Humanizador em Crônicas do Cotidiano, a fim de fomentar sua relevância tanto para a comunidade local da cidade de São Borja, quanto para os acadêmicos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa – campus São Borja.

Criado com o intuito de dispor de produções teóricas-práticas, considerando aspectos textuais e imagéticos, e utilizando de práticas empíricas, para contribuir com a sociedade na formação de memória sobre o cotidiano e os personagens do município, bem como proporcionar visibilidade e interação social, o grupo de pesquisa realiza através da produção, planejamento, execução e divulgação dos textos em formato de crônica – acompanhada com fotos – importante papel comunicacional.

Vivenciar a prática jornalística por meio de um olhar diferente, mais sensível e observador, oportuniza aos envolvidos com a pesquisa reflexões a fim de entender e valorizar as atribuições do profissional jornalista, bem como a importância da igualdade social. Utilizar de um espaço semanal na contracapa de um jornal para dar visibilidade à história de vida de um indivíduo – que na maioria das vezes não é nem notado -, é trabalhar na construção de uma sociedade mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial / Livraria Palmarinca, 1997.

BRUM, Eliane. **Olho da Rua** - Uma Repórter em Busca da Literatura da Vida Real. São Paulo: Biblioteca Época/Globo Editora, 2003.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo** - Redação, Captação e Edição no Jornal Diário. São Paulo: Ática, 1991.

IJUIM, J. K. . **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 7, p. 117-137, 2012.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7a. ed., São Paulo, 2008.

SOUZA JÚNIOR, L. R. . **Em busca da literatura nos fatos corriqueiros do dia-a-dia: Uma visão da crônica como jornalismo literário**. In: III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2012, Porto Alegre. Anais do III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2012.

WERNECK, Humberto. **A arte de sujar os sapatos**. In Fama e Anonimato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.